



Peri e Ceci: os figurinos não ajudaram o desempenho dos cantores.

Espetáculo com altos e baixos

Uma ópera com sabor brasileiro. Era o óbvio da expectativa que rondava a estréia de *O Guarani* em montagem por aquele que sabe como ninguém realizar óperas apoteóticas na avenida. Joãozinho Trinta e sua numerosa equipe proporcionaram uma noite de 7 de setembro excepcional à capital da República. O público gostou do que viu e ouviu, passado o fiasco da produção que acabou prejudicando inteiramente o 1º ato e apesar da coreografia clássica dançada por "índios e índias".

O público gostou por vários e declarados motivos, a começar pela competência de toda a ambientação, da boa acústica e visão de palco de qualquer ponto do ginásio: os cenários concebidos por Joãozinho, "belíssimos" e exclamações do gênero e grau; a orquestra Filarmônica da Romênia e o maestro italiano Francesco La Vecchia "que sabem o que fazem"; o coral, com pessoal da Escola de Música, Madrigal e Coral Comunitário de Brasília; o "Coreano" (Chun Seung Hyun), barítono, que interpreta Gonzalez, o vilão da história; e os trinados da soprano Anita Selvaggio, que arrancaram da platéia a maior ovação e talvez única, quase unânime, comoção.

Por esses, os grandes aplausos ao final - mas também pelo tenor que interpretou Peri. Maurício Graziani agradou o público, embora fazendo um índio *nadinha* convincente (voz

nem tão tocante assim, apesar de seu brilhante currículo). Lino Villaventura e Luciano Costa criaram bons figurinos, mas erraram no de Peri com um cocar e uma capa que mais o puseram com silhueta de peru de natal (antes de abatido).

Toda a parte indígena recebeu mal ajambrado tratamento europeu que se não destoa do teor colonizado do texto de José de Alencar, destoa do ponto de vista de estética e de alhos com bugalhos. Assistir "índios" fazendo *pliés* e *pas-de-deux* e tais, e dando pulinhos pesadinhos e descontraídos, que perdõe a corte, é de doer. Talvez seja duro estilizar o gestual indígena a partir da música romântica de Carlos Gomes, mas uma coisa é certa: as árias mais belas e as mais conhecidas tocavam o público de perto.

Com iluminação de tons *kitsh* art-déco-tropicalista, o espetáculo atingiu seu ponto alto musical na sexta cena do 2º ato (*Os Aposentos de Cecília*), durante solo da soprano Selvaggio, e cenoplástico no 3º ato, na aldeia dos Aymorés. Que Joãozinho é talentoso ninguém tem por que duvidar. Trabalhou com delicadeza e respeito a brasilidade de *O Guarani* do maestro e do escritor brasileiros. Brasília ganhou sua primeira grande ópera, produzida 70% por gente de casa, com esforço e dificuldades. É, no mínimo, um empreendimento admirável. (AT)